

RETRADUÇÃO DA RETRADUÇÃO: “LE CORBEAU”, “THE RAVEN”, “O CORVO”Helciclever Barros da Silva¹

Resumo: o objetivo é realizar um exercício de retradução de uma retradução do poema “The Raven”. Trata-se da versão em inglês do referido texto da tradução francesa feita por Charles Baudelaire e publicada no jornal *Detroit Free Press* em 15 de novembro de 1891 e reproduzido várias outras vezes em outros jornais norte-americanos entre 1891 e 1892. Com base em uma retradução em língua portuguesa desse raro material poético, intenta-se discutir não exatamente a qualidade da retradução norte-americana, mas apenas apresentar à crítica brasileira este inédito texto em nosso contexto literário, realizando breves comentários sobre a migração do “Corbeau” baudelaireano para a língua inicialmente de partida, que, neste caso, passou a ser língua de chegada do poema edgariano em uma versão anônima. E, ao mesmo tempo, intenta-se oferecer uma nova partida da dita versão de 1891, agora, para a língua portuguesa do Brasil.

Abstract: the objective is to perform an exercise of retranslation of a retranslation of the poem “The Raven”. It is the English version of the referred text of the translation made by Charles Baudelaire and published in the *Detroit Free Press* newspaper on November 15, 1891 and reproduced several other times in other American newspapers between 1891 and 1892. Based on a retranslation in the Portuguese language of this rare poetic material, it is tried to discuss not exactly the quality of the North American retranslation, but only to present to the Brazilian critic this unpublished text in our literary context, making brief comments on the migration of the Baudelairean “Corbeau” to the language initially of departure, which, in this case, became the target language of the Edgarian poem in an anonymous version. And, at the same time, it is tried to offer a new departure of the said version of 1891, now, for the Portuguese language of Brazil.

Palavras-chave: Le Corbeau, The Raven, “O Corvo”, Retradução, Baudelaire

Keywords: Le Corbeau, The Raven, “O Corvo”, Re-translation, Baudelaire

¹ Doutor e Mestre em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília. Investiga as relações intermediárias da obra poética de Edgar Allan Poe com as outras artes. É Pesquisador-Tecnologista em Informações e Avaliações Educacionais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep. Atualmente está atuando como Coordenador-Geral do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica do Inep.

O texto *“THE RAVEN SAID, 'NEVER AGAIN.'” A frenchman's Brilliant and Artistic translation From Edgar A. Poe* publicado em diversos jornais do EUA entre 1891 e 1892, sendo a primeira publicação, salvo outra que não pude localizar, a do jornal *Detroit Free Press*, é uma retradução para o inglês da tradução de Charles Baudelaire de 1853.

O texto é seguido de uma breve apresentação que não se sabe ao certo se é dos editores ou redatores do supracitado jornal ou se é da tradução que “re-inglesou” o poema de Poe. Ao mesmo tempo, esse texto de apresentação, bem curto, pouco colabora para se entender os motivos de tal retradução, assim como faltam mais argumentos para justificar as suas escolhas estéticas e poéticas.

De todo modo, trata-se de material poético bastante interessante, pois mostra o retorno do poema de Poe para os EUA sob manto protetor exatamente de seu maior defensor: Charles Baudelaire.

O retradutor não deixou de tecer algumas críticas pontuais à tradução de Baudelaire, e o fez tanto no texto de apresentação, se dele for este texto, e também no corpo de sua retradução, assinaladas entre colchetes.

Interessante que o tradutor anônimo da versão de Baudelaire optou pelo retorno do texto em versos, o que em si já traz complicadores para se pensar sua retradução sob a ótica da fidelidade.

Ao que parece, o tradutor anônimo posicionou-se por uma defesa de que o texto de Poe deveria ser mantido em versos, o que sinaliza de partida certa crítica ao trabalho tradutório de Baudelaire.

Em verdade, o tradutor anônimo parece ter aproveitado o ensejo para conflagrar a sua própria visão do poema de Poe, vertendo-o em função de suas próprias considerações poéticas, o que pode, inicialmente, parecer problemático, mas a história de “The Raven” mostrou que este expediente de recriação poética foi extremamente exuberante e frutífero.

Apenas à guisa de maior amplitude e divulgação da retradução de 1891/1892 oferecemos, sem maiores pretensões, duas versões em português brasileiro deste texto: uma em verso e outra em prosa.

“THE RAVEN SAID, 'NEVER AGAIN.’**A frenchman's Brilliant and Artistic translation From Edgar A. Poe” (1891/1892)**

Anônimo

“O CORVO DISSE: ‘NUNCA MAIS’**A tradução brilhante e artística de Edgar A. Poe por um francês” (1891/1892)**

Helciclever Barros da Silva (2018)

Poe’s remarkable popularity in France is well known. The French, however, have always considered him as a prose writer and not a poet, while with the present generation in America the case is vice versa.

Since Charles Baudelaire first introduced Poe's writings in France there have been numberless translations of his marvelous stories, and now the firm of Marpon & Flammarion in Paris have got out a collection which includes “Le Corbeau.”

“Le Corbeau,” of course, is “The Raven.” Just how the French people regard Poe’s masterpiece the present writer is not able to state, but he has grave doubts about its producing any such weird and horrowing effect as we Americans associate with it in the readers of our childhood. This is the way it runs, as re-Englished:

A notável popularidade de Poe na França é bem conhecida. Os franceses, no entanto, sempre o consideraram como um escritor de prosa e não como um poeta, enquanto que com a geração atual na América o caso é o inverso.

Desde que Charles Baudelaire introduziu pela primeira vez os escritos de Poe na França, houve inúmeras traduções de suas maravilhosas histórias, e agora a firma de Marpon & Flammarion, em Paris, lançaram uma coleção que inclui “Le Corbeau”.

“Le Corbeau”, óbvio, é “O Corvo”. Exatamente como o povo francês considera a obra-prima de Poe, o atual escritor não pode afirmar, mas ele tem sérias dúvidas sobre a produção de qualquer efeito tão estranho e angustiante como nós americanos associamos a ele na nossa infância de leitores. É assim que funciona, como na re-tradução para o inglês:

*It was midnight. I was vaguely poring
over certain volumes, which were forgotten,
although curious and bizarre. Some one
rapped softly on my door. [The talented
translator boiled this verse down altogether
too much.]*

Era meia-noite. Estava vagamente debruçado sobre certos volumes, que foram esquecidos,

embora curiosos e bizarros. Alguém bateu suavemente na minha porta. [O talentoso tradutor resumiu esse verso demais.]

We were in December. The embers, dying away in the fireplace, projected red silhouettes over the floor. In vain I tried to get oblivion of my woes from my favorite books. I was continually thinking of her, my lost Lenore, that rare and radiant young girl whose soft name the angels of Heaven are repeating just now. "Lenore."

Estávamos em dezembro. As brasas, morrendo na lareira, projetavam silhuetas vermelhas no chão. Em vão, tentei esquecer minhas angústias em meus livros favoritos. Estava continuamente pensando nela, minha perdida Lenore, aquela jovem rara e radiante cujo nome delicado os anjos do Céu estão repetindo agora. "Lenore".

Everything, even the rustling of the curtains of silk filled me with a melancholy terror. In order to reassure myself I said inwardly, "It is some late visitor, nothing more."

Tudo, até mesmo o farfalhar das cortinas de seda me encheu de melancolia e terror. A fim de me tranquilizar eu disse a mim mesmo: "É algum visitante tardio, nada mais."

And I yelled out without further hesitation, "Monsieur or madame, I ask your pardon. I was half sleeping when you came knocking on my door. I didn't hear you at first, you rapped so low." Then I opened the door: but I perceived nothing-except the darkness of the night.

E gritei sem mais hesitação: "Monsieur ou madame, eu peço perdão. Eu estava meio dormindo quando veio bater na minha porta. Não te ouvi no começo, você bateu tão baixo." Então abri

a porta: mas não percebi nada exceto a escuridão da noite.

I looked more attentively into the dark, But Still I saw nothing. Was I the victim of a hallucination? I whispered the name of Lenore. The echo sent me back this name. And That was all.

Olhei mais atentamente para o escuro, mas ainda assim não vi nada. Era a vítima de uma alucinação? Eu sussurrei o nome de Lenore. O eco me mandou de volta esse nome. E isso foi tudo.

I went back into my chamber, but it was not long before I heard a new rapping of more distinct style. "This time," I Thought, "it is at the blinds of my window. Let's clear up this mystery which troubles my heart, and find out whether it is the wind."

Voltei para o meu quarto, mas não demorou muito para ouvir um novo bater de forma mais distinta. "Desta vez", pensei, "é nas portinholas da minha janela. Vamos esclarecer este mistério que perturba meu coração e descobrir se é o vento".

I pushed the shutter. A superb raven darted into my chamber, gracefully fluttering his wings. He did not make me any reverence. He came in as if he felt perfectly at home and perched. Full of majesty, with the grand airs of a lord or lady, on a bust of Pallas above my door.

Empurrei a fechadura. Um soberbo corvo disparou para o meu quarto, graciosamente agitando suas asas. Não me fez nenhuma reverência. Entrou como se se sentisse perfeitamente em casa e empoleirou, cheio de majestade, com os grandes ares de um senhor ou senhora, em um busto de Palas acima da minha porta.

I could not refrain from smiling before the grave countenance of this bird of ebony. "Tell me," I said aloud, "What is your

lordly name on the Plutonian shore of the night?" He responded, "Never Again."

Não pude deixar de sorrir antes diante do semblante grave deste pássaro de ébano. "Diga-me", disse em voz alta: "Qual é o seu nome senhorial na margem plutoniana da noite?" Ele respondeu: "Nunca mais".

This response didn't seem to have much sense. Did it ever happen to anybody to find at midnight over his door on a bust of Pallas a bird calling itself "Never Again?"

Esta resposta não pareceu ter muito sentido. Alguma vez aconteceu a alguém encontrar à meia-noite sobre sua porta em um busto de Palas um pássaro chamando-se "Nunca Mais?"

But the raven only pronounced these two words as if all his soul were shut up in them. Then I murmured in a low tone: "Already other friends have taken their flight. To-morrow he will leave me as my hopes have also left me, all alone." And The raven said "Never Again."

Mas o corvo apenas pronunciou estas duas palavras como se toda a sua alma estivesse trancada nelas. Então eu murmurei em voz baixa: "Outros amigos já pegaram seus voos. Amanhã ele me deixará, assim como minhas esperanças também me deixaram, tão sozinho". E o corvo disse "Nunca mais".

"Without doubt." I Thought, "he has caught these two words from some bankrupt master, so constantly overwhelmed with misfortune that he dared to hope never again"

"Sem dúvida." Pensei: "ele pegou essas duas palavras de algum falido mestre, tão constantemente tomado pelo infortúnio que ele ousou esperar nunca mais"

I rolled a fauteuil in front of the bird and

*began to cudgel my brains to make out
what this sad, lean, somber fowl meant by
his refrain "Never again."*

Rolei uma poltrona em frente ao pássaro e comecei a espatifar meu cérebro para entender o que essa triste, magra e sombria ave dizia sobre seu refrão "Nunca mais".

*I no longer addressed my remarks to the
bird whose flaming eyes burned my heart.
But I sad down before him for the purpose
of studying him out. My head rested on a
cushion of violet velvet, softly lighted by a
lamp, the lamp which she will light never
again. [Translator N° 2 wishes it dis-
tinctly understood that he is not respon-
sible for a bad mistake in this verse, which
will be seen by comparison with the origi-
nal poem.] Poe had it thus:*

*"But whose velvet-violet lining with the lamp-
light gloating o'er,
She shall press, ah, nevermore!"*

Não mais dirigi minhas observações ao pássaro cujos olhos flamejaram meu coração. Mas me sentei diante dele com o propósito de estudá-lo. Minha cabeça repousava sobre uma almofada de veludo violeta, insinuada por uma lâmpada, a lâmpada que ela não acenderá nunca mais. [O Tradutor N° 2 deseja entender claramente que ele não é responsável por um erro grave neste verso, que será visto na comparação com o poema original.] Poe teve isso assim:

*"But whose velvet-violet lining with the lamp-
light gloating o'er,
She shall press, ah, nevermore!"*

*The word "she" should be in italics, but as
this paper does not use them, parlor elocu-
tionists are reminded that they can secure
the proper effect by reading the verse in a
low tone and suddenly raising the voice to a
stentorian yell at the word "she."]*

A palavra “ela” devia estar em itálico, mas como este artigo não os usa, defensores eloquentes são lembrados pelo que podem assegurar do efeito proposto ao ler o verso em um tom baixo e de repente levantando a voz para um grito estentórico com a palavra “ela.”]

The air seemed lighter, as if permude by the invisible censer of the seraphim. “Oh, miserable one!” I exclaimed, “thy God has seut thee by his angels respite and nepenthes. Drink, oh drink this good nepenthes and forget this lost Lenore.” The raven said, “Never again.”

O ar parecia mais leve, como se perfumado pelo incensário invisível dos serafins. “Oh, miserável!” Eu exclamei: “teu Deus te enviou por seus anjos, descanso e nepentes. Beba, oh beba este bom nepentes e esqueça essa perdida Lenore.” O corvo disse: “Nunca mais”.

“Prophet,” I said to him, “bird of mis fortune, bird or demon, tell me, I entreat you, since the devil sends you into my desolate lodge, tell me, I implore you, is there any balsam obtainable in Judea?” The raven said, “Never again.”

“Profeta”, disse a ele, “pássaro de infortúnio, pássaro ou demônio, diga-me, suplico-te, já que o diabo te manda para minha cabana desolada, diga-me, imploro-te, há algum bálsamo disponível na Judeia? “ O corvo disse: “Nunca mais”.

“Prophet, bird or demon, by the heavens, by the God whom we adore, the two of us, say, oh say, to my soul laden with grief, whether it is going to embrace some day in Eden a sanctified young girl - a rare and radiant girl whom the angels style Lenore.” The raven said, “Never again.”

“Profeta, pássaro ou demônio, pelos céus, pelo Deus que adoramos, nós dois, diga, oh diga, à minha alma carregada de dor,

se vai abraçar algum dia no
Éden uma jovem santificada - uma garota rara e
radiante que os anjos chamam Lenore”.
O corvo disse: “Nunca mais”.

*“Since you talk that way,” I yelled, “get
out: Quit me! Go off int the tempest of
the night on the somber shores of Pluto.
Don’t leave here one solitary black feather
to remind me of the awful lie you have just
uttered. Leave me alone in my abandon.
Quit that bust, take your shadow somewhere
else.” The raven said, “Never again.”*

“Desde que você fala assim”, gritei,
“saia: Deixe-me! Suma na tempestade da
noite nas margens sombrias de Plutão.
Não deixe aqui uma pena preta solitária
para me lembrar da terrível mentira que acabou de
dizer. Deixe-me sozinho em meu abandono.
Saia desse busto, leve sua sombra para outro lugar.”
O corvo disse: “Nunca mais”.

*And the raven, without budging, without
fluttering, still sits on the bust of Pallas
over my door. His eyes have the glare of
demon who dreams. My lamp projects
his shadow on the floor. And this shadow
will be effaced “never again.”*

E o corvo, sem se mexer, sem
esvoaçar, ainda sentado no busto de Palas
sobre a minha porta. Seus olhos têm o brilho do
demônio que sonha. Minha lâmpada projeta
sua sombra no chão. E essa sombra
não será apagada “nunca mais”.

**“THE RAVEN SAID, 'NEVER AGAIN.’
A frenchman's Brilliant and Artistic translation From Edgar A. Poe” (1891/1892)**

Anônimo

Poe's remarkable popularity in France is well known. The French, however, have always considered him as a prose writer and not a poet, while with the present generation in America the case is vice versa.

Since Charles Baudelaire first introduced Poe's writings in France there have been numberless translations of his marvelous stories, and now the firm of Marpon & Flammarion in Paris have got out a collection which includes "Le Corbeau."

"Le Corbeau," of course, is "The Raven." Just how the French people regard Poe's masterpiece the present writer is not able to state, but he has grave doubts about its producing any such weird and harrowing effect as we Americans associate with it in the readers of our childhood. This is the way it runs, as re-Englished:

It was midnight. I was vaguely poring over certain volumes, which were forgotten, although curious and bizarre. Some one rapped softly on my door. [The talented translator boiled this verse down altogether too much.]

We were in December. The embers, dying away in the fireplace, projected red silhouettes over the floor. In vain I tried to get oblivion of my woes from my favorite books. I was continually thinking of her, my lost Lenore, that rare and radiant young girl whose soft name the angels of Heaven are repeating just now. "Lenore."

Everything, even the rustling of the curtains of silk filled me with a melancholy terror. In order to reassure myself I said inwardly, "It is some late visitor, nothing more."

And I yelled out without further hesitation, "Monsieur or madame, I ask your pardon. I was half sleeping when you came knocking on my door. I didn't hear you at first, you rapped so low." Then I opened the door: but I perceived nothing-except the darkness of the night.

I looked more attentively into the dark, but still I saw nothing. Was I the victim of a hallucination? I whispered the name of Lenore. The echo sent me back this name. And that was all.

I went back into my chamber, but it was not long before I heard a new rapping of more distinct style. "This time," I Thought, "it is at the blinds of my window. Let's clear up this mystery which troubles my heart, and find out whether it is the wind."

I pushed the shutter. A superb raven darted into my chamber, gracefully fluttering his wings. He did not make me any reverence. He came in as if he felt perfectly at home and perched, full of majesty, with the grand airs of a lord or lady, on a bust of Pallas above my door.

I could not refrain from smiling before the grave countenance of this bird of ebony. "Tell me," I said aloud, "What is your lordly name on the Plutonian shore of the night?" He responded, "Never Again."

This response didn't seem to have much sense. Did it ever happen to anybody to find at midnight over his door on a bust of Pallas a bird calling itself "Never Again?"

But the raven only pronounced these two words as if all his soul were shut up in them. Then I murmured in a low tone: "Already other friends have taken their flight. Tomorrow he will leave me as my hopes have also left me, all alone." And The raven said "Never Again."

"Without doubt." I Thought, "he has caught these two words from some bankrupt master, so constantly overwhelmed with misfortune that he dared to hope never again"

I rolled a fauteuil in front of the bird and began to cudgel my brains to make out what this sad, lean, somber fowl meant by his refrain "Never again."

I no longer addressed my remarks to the bird whose flaming eyes burned my heart. But I sat down before him for the purpose of studying him out. My head rested on a cushion of violet velvet, softly lighted by a lamp, the lamp which she will light never again. [Translator N° 2 wishes it distinctly understood that he is not responsible for a bad mistake in this verse, which will be seen by comparison with the original poem.] Poe had it thus:

*"But whose velvet-violet lining with the lamp-light gloating o'er,
She shall press, ah, nevermore!*

The word "she" should be in italics, but as this paper does not use them, parlor elocutionists are reminded that they can secure the proper effect by reading the verse in a low tone and suddenly raising the voice to a stentorian yell at the word "she."]

The air seemed lighter, as if perfumed by the invisible censer of the seraphim. "Oh, miserable one!" I exclaimed, "thy God has sent thee by his angels respite and nepenthes. Drink, oh drink this good nepenthes and forget this lost Lenore." The raven said, "Never again."

*"Prophet," I said to him, "bird of misfortune, bird or demon, tell me, I entreat you, since the devil sends you into my desolate lodge, tell me, I implore you, is there any balsam obtainable in Judea?"
The raven said, "Never again."*

*"Prophet, bird or demon, by the heavens, by the God whom we adore, the two of us, say, oh say, to my soul laden with grief, whether it is going to embrace some day in Eden a sanctified young girl - a rare and radiant girl whom the angels style Lenore."
The raven said, "Never again."*

"Since you talk that way," I yelled, "get out: Quit me! Go off into the tempest of the night on the somber shores of Pluto. Don't leave here one solitary black feather to

remind me of the awful lie you have just uttered. Leave me alone in my abandon. Quit that bust, take your shadow somewhere else."

The raven said, "Never again."

And the raven, without budging, without fluttering, still sits on the bust of Pallas over my door. His eyes have the glare of a demon who dreams. My lamp projects his shadow on the floor. And this shadow will be effaced "never again."

**“O CORVO DISSE: ‘NUNCA MAIS’
A tradução brilhante e artística de Edgar A. Poe por um francês” (1891/1892)**

Helciclever Barros da Silva (2018)

A notável popularidade de Poe na França é bem conhecida. Os franceses, no entanto, sempre o consideraram como um escritor de prosa e não como um poeta, enquanto que com a geração atual na América o caso é o inverso.

Desde que Charles Baudelaire introduziu pela primeira vez os escritos de Poe na França, houve inúmeras traduções de suas maravilhosas histórias, e agora a firma de Marpon & Flammarion, em Paris, lançou uma coleção que inclui "Le Corbeau".

"Le Corbeau", óbvio, é "O Corvo". Exatamente como o povo francês considera a obra-prima de Poe, o atual escritor não pode afirmar, mas ele tem sérias dúvidas sobre a produção de qualquer efeito tão estranho e angustiante como nós americanos associamos a ele na nossa infância de leitores. É assim que funciona, como na re-tradução para o inglês:

Era meia-noite. Estava vagamente debruçado sobre certos volumes, que foram esquecidos, embora curiosos e bizarros. Alguém bateu suavemente na minha porta. [O talentoso tradutor resumiu demais esse verso.]

Estávamos em dezembro. As brasas, morrendo na lareira, projetavam silhuetas vermelhas no chão. Em vão, tentei esquecer minhas angústias em meus livros favoritos. Estava continuamente pensando nela, minha perdida Lenore, aquela jovem rara e radiante cujo nome delicado os anjos do Céu estão repetindo agora. "Lenore".

Tudo, até mesmo o farfalhar das cortinas de seda me encheu de melancolia e terror. A fim de me tranquilizar eu disse a mim mesmo: "É algum visitante tardio, nada mais."

E gritei sem mais hesitação: "Monsieur ou madame, eu peço perdão. Eu estava meio dormindo quando você veio bater na minha porta. Não te ouvi no começo, você bateu tão baixo." Então abri a porta: mas não percebi nada exceto a escuridão da noite.

Olhei mais atentamente para o escuro, mas ainda assim não vi nada. Era a vítima de uma alucinação? Eu sussurrei o nome de Lenore. O eco me mandou de volta esse nome. E isso foi tudo.

Voltei para o meu quarto, mas não demorou muito para ouvir um novo bater de forma mais distinta. "Desta vez", pensei, "é nas portinholas da minha janela. Vamos esclarecer este mistério que perturba meu coração e descobrir se é o vento".

Empurrei a fechadura. Um soberbo corvo disparou para o meu quarto, graciosamente agitando suas asas. Ele não me fez nenhuma reverência. Ele entrou como se se sentisse perfeitamente em casa e empoleirou, cheio de majestade, com os grandes ares de um senhor ou senhora, em um busto de Palas acima da minha porta.

Não pude abster-me de sorrir diante do semblante grave deste pássaro de ébano. "Diga-me", disse em voz alta: "Qual é o seu nome senhorial na margem plutoniana da noite?" Ele respondeu: "Nunca mais".

Esta resposta não pareceu ter muito sentido. Alguma vez aconteceu a alguém encontrar à meia-noite sobre sua porta em um busto de Palas um pássaro chamando-se "Nunca Mais?"

Mas o corvo apenas pronunciou estas duas palavras como se toda a sua alma estivesse trancada nelas. Então eu murmurei em voz baixa: "Outros amigos já pegaram seus voos. Amanhã ele me deixará, assim como minhas esperanças também me deixaram, tão sozinho". E o corvo disse "Nunca mais".

"Sem dúvida." Pensei: "ele pegou essas duas palavras de algum mestre falido, tão constantemente tomado pelo infortúnio que ele ousou esperar nunca mais"

Rolei uma poltrona em frente ao pássaro e comecei a espatifar meu cérebro para entender o que essa triste, magra e sombria ave significava para seu refrão "Nunca mais".

Não mais dirigi minhas observações ao pássaro cujos olhos flamejantes queimaram meu coração. Mas me sentei diante dele com o propósito de estudá-lo. Minha cabeça repousava sobre uma almofada de veludo violeta, suavemente iluminada por uma lâmpada, a lâmpada que ela não acenderá nunca mais. [O Tradutor Nº 2 deseja entender claramente que ele não é responsável por um erro grave neste verso, que será visto na comparação com o poema original.] Poe teve isso assim:

*"But whose velvet-violet lining with the lamp-light gloating o'er,
She shall press, ah, nevermore!"*

A palavra "ela" devia estar em itálico, mas como este artigo não os usa, defensores eloquentes são lembrados pelo que podem assegurar do efeito proposto ao ler o verso em um tom baixo e de repente levantando a voz para um grito estentóricico com a palavra "ela."]

O ar parecia mais leve, como se perfumado pelo incensário invisível dos serafins. "Oh, miserável!" Eu exclamei: "teu Deus te enviou por seus anjos, descanso e nepentes. Beba, oh beba este bom nepentes e esqueça essa perda Lenore." O corvo disse: "Nunca mais".

"Profeta", disse a ele, "pássaro de infortúnio, pássaro ou demônio, diga-me, suplico-te, já que o diabo te manda para minha cabana desolada, diga-me, imploro-te, há algum bálsamo disponível na Judeia? "

O corvo disse: "Nunca mais".

"Profeta, pássaro ou demônio, pelos céus, pelo Deus que adoramos, nós dois, diga, oh diga, à minha alma carregada de dor, se vai abraçar algum dia no Éden uma jovem santificada - uma garota rara e radiante que os anjos chamam Lenore ".

O corvo disse: "Nunca mais".

"Desde que você fala assim", gritei, "saia: Deixe-me! Suma na tempestade da noite nas margens sombrias de Plutão. Não deixe aqui uma pena preta solitária para me lembrar da terrível mentira que você acabou de dizer. Deixe-me sozinho em meu abandono. Saia desse busto, leve sua sombra para outro lugar. "

O corvo disse: "Nunca mais".

E o corvo, sem se mexer, sem esvoaçar, ainda sentado no busto de Palas sobre a minha porta. Seus olhos têm o brilho do demônio que sonha. Minha lâmpada projeta sua sombra no chão. E essa sombra não será apagada "nunca mais".

Referências

ANONYMOUS. "The Raven said, "Never again". A Frenchman's brilliant and artistic translation from Edgar A. Poe". In: **Detroit Free Press** (Detroit, Michigan), Nov 15, 1891, p. 10.

_____. "The Raven said, "Never again". A Frenchman's brilliant and artistic translation from Edgar A. Poe". In: **The Anaconda Standard** (Anaconda, Montana), Dec 4, 1891, p. 2.

_____. "The Raven said, "Never again". A Frenchman's brilliant and artistic translation from Edgar A. Poe". In: **The Larned Eagle-Optic** (Larned, Kansas), Dec 11, 1891, p. 1.

_____. "The Raven said, "Never again". A Frenchman's brilliant and artistic translation from Edgar A. Poe". In: **The Malvern Leader** (Malvern, Iowa), Dec 24, 1891, p. 3.

_____. "The Raven said, "Never again". A Frenchman's brilliant and artistic translation from Edgar A. Poe". In: **The Humboldt Republican** (Humboldt, Iowa), Dec 24, 1891, p. 7.

_____. "The Raven said, "Never again". A Frenchman's brilliant and artistic translation from Edgar A. Poe". In: **The Alden Times** (Alden, Iowa), Dec 25, 1891, p. 6.

_____. "The Raven said, "Never again". A Frenchman's brilliant and artistic translation from Edgar A. Poe". In: **Mitchell Daily Republican** (Mitchell, South Dakota), Dec 27, 1891, p. 2.

_____. "The Raven said, "Never again". A Frenchman's brilliant and artistic translation from Edgar A. Poe". In: **The Weekly Times-Democrat** (New Orleans, Louisiana), Dec 25, 1891, p. 10.

_____. "The Raven said, "Never again". A Frenchman's brilliant and artistic translation from Edgar A. Poe". In: **The Oakley Graphic** (Oakley, Kansas), Jan 7, 1892, p. 4.

_____. "The Raven said, "Never again". A Frenchman's brilliant and artistic translation from Edgar A. Poe". In: **The Holton Recorder** (Holton, Kansas), Jan 7, 1892, p. 7.

_____. "The Raven said, "Never again". A Frenchman's brilliant and artistic translation from Edgar A. Poe". In: **Western Kansas World** (WaKeeney, Kansas), Jan 9, 1892, p. 1.

**ANEXO - Fac-símile do original do texto “*THE RAVEN SAID, ‘NEVER AGAIN.’*”
A frenchman's Brilliant and Artistic translation From Edgar A. Poe’ publicado no
Detroit Free Press (1891)**

THE DETROIT FREE PRESS: SUNDAY, NOVEMBER 15, 1901.

TO



BY J. WHIT MARLEY

Little Golly stretched lazily about the smooth grey of each which made the

The man was high in the cloudless north-ern sky; but the soft breeze which

The short season of summer was in its height, and the sun had been

A little way out on the level which topped the cut bank on the right, by the side

Another group was down into the canyon below, and was gaily

"Papa Jack," Papa Jack, was the name of the boy who was leading a

"Golly's cousin" to the bank which

And so the world came just in time to

"Golly's cousin" to the bank which

"Golly's cousin" to the bank which

"Golly's cousin" to the bank which

"Golly's cousin" to the bank which

"Golly's cousin" to the bank which

"Golly's cousin" to the bank which

"Golly's cousin" to the bank which

stical. To-morrow he will have me as my legs have left me all afternoon.

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

"I don't know," he said, "but I have made those two words from some book."

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

USE WAY OF BEING A POOL. My take there. You take a pool.

29TH WEEK OF THE BIG SALE

ADVANCE HOLIDAY SALE

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency



BLACK SILKS. Worth up to \$6.50. FOR 73c YD.

November Price Festival!

DRESS GOODS. Worth up to 75c. FOR 39c YD.

We are Reaching Toward a Retailing Power Never Attained Before.

On account of our inability to wait on the

thousands who visited our store on Saturday

take advantage of our Benefit Sale, and to show

our appreciation of the mighty response to our Friday

announcement, we have decided to continue for three days

THE PEOPLE'S PRICE LIST

MONDAY, TUESDAY AND WEDNESDAY

THE PEOPLE'S DAYS.

THE PEOPLE'S 5c LIST.

Every morning from 9 o'clock until 12 noon, Goldenrod Bazaar!

THE PEOPLE'S 9c LIST.

THE PEOPLE'S 19c LIST.

THE PEOPLE'S 39c LIST.



LADIES' UNDERWEAR. BARGAINS.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

THE PEOPLE'S UNDERWEAR.

29TH WEEK OF THE BIG SALE

ADVANCE HOLIDAY SALE

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency

The Most Wonderful Agency